

Reflexões acerca das contribuições de Saussure na análise da língua

(Réflexions sur les apports de l'analyse saussurienne de la langue)

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo¹

¹Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

ligiamenossi@gmail.com¹

Résumé: Dans cet article, nous avons portée à réfléchir sur les apports de Saussure pour l'analyse du langage, c'est à dire, les mots du texte chiffré, selon Anagrammes (STAROBINSKI, 1974), serait à sens unique lien avec une langue étrangère. Pour cela, nous passerons brièvement en revue le plan d'une anagramático YouTube vídeomontage intitulé Lula o analfabeto et discursivement dans embasaremos le concept de genre compilé par Bakhtin (2003). Nous croyons que l'analyse du plan montre que anagramático dans un sens peut être construit au-delà de celle trouvée dans la surface linguistique, les mots ne proviennent autre que ce qui précède, il ya quelque chose au-delà de ce que le texte est entrepris, ce quelque chose d'autre aurait le statut l'interprétation que soulève l'analyse de discours aujourd'hui.

Mots-clés: Saussure; le discours politique; le genre.

Resumo: Neste trabalho, temos como escopo refletir acerca das contribuições de Saussure para a análise da língua, ou seja, as palavras criptografadas no texto, segundo os Anagramas (STAROBINSKI, 1974), teriam ligação de sentido com um exterior linguístico. Para isso, faremos uma breve análise no plano anagramático de uma vídeomontagem do YouTube intitulada Lula o analfabeto e discursivamente nos embasaremos no conceito de gênero compilado por Bakhtin (2003). Consideramos que a análise sobre o plano anagramático nos revela que um sentido pode ser construído além daquele encontrado na superfície linguística, as palavras se originariam de outras que as antecedem, haveria algo além do que está empreendido no texto, este algo a mais teria o estatuto de interpretação que suscita a análise do discurso hoje.

Palavras-chave: Saussure; discurso político; gênero.

Primeiras ideias

A fim de contribuir para uma discussão que, muitas vezes, se apresenta parcialmente excluída dos meios acadêmicos sobre o estudo da linguagem, nosso trabalho caminha na direção de perscrutar um estudo mais antigo, menos visto de Saussure, que se coadune com os estudos mais em voga atual, ou seja, os estudos discursivos por meio das diversas análises do discurso.²

Nossa hipótese é a de que o trabalho dos anagramas é um estudo amplo, que abarca elementos com e sobre a língua e fora dela também. Supomos que Saussure, ao pensar em palavras que estariam criptografadas no texto e que de alguma maneira teriam ligação de sentido com o que ali estava linguisticamente materializado, poderia ter pensado em um exterior linguístico, pois essa criptografia nos signos teria significação de fato na cir-

1 (Bolsista Fapesp - Processo n. 2011/09851-8).

2 Refiro-me aqui à análise do discurso de orientação francesa, derivada sobretudo dos trabalhos de Michel Pêcheux, e os trabalhos da análise crítica do discurso, tal como pensada por Fairclough e Chouliaraki.

culação de uma dada esfera social. A semiologia desses signos, nesse caso, se faria, por assim dizer, em sentido estrito, isto é, funcionando numa relação social de compreensão e interpretação.

Desse modo, temos como objetivo refletir acerca do trabalho que realizou Saussure nos Anagramas e como poderíamos olhar para materiais multimodais utilizando-nos, de maneira muito rudimentar, das lentes saussurianas compiladas pelo mestre da linguística em torno de poemas. Assim, nossa questão de pesquisa é: podemos tomar o que chamamos de posicionamento de análise de Saussure como um pensar em um exterior linguístico e aplicá-lo em outros discursos?

Para tentar sustentar nossa hipótese, teceremos algumas considerações sobre o estudo dos Anagramas, segundo nos esclarece Starobinski em sua obra *As Palavras sob as Palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure* (1974), e, então, tentaremos alcançar nosso objetivo em uma breve análise no plano anagramático de uma videomontagem do YouTube intitulada Lula o analfabeto tida como humorística em que o alvo de descaracterização é o ex-presidente Lula (na época, candidato às eleições de 2006 para presidência). Em seguida, iremos nos pautar no estudo de Bakhtin para realizarmos uma análise discursiva em torno do material acima pormenorizado.

Os anagramas

Saussure, entre os anos de 1906 e 1909, focalizou suas pesquisas em torno de avaliar a suposta presença de *anagramas* em poemas clássicos. Contudo, não houve uma compilação, assim como ocorreu com o *Cours*, por parte de Saussure deste trabalho. Ele os deixou em muitos cadernos, com suas anotações. Coube, tempos depois, ao estudioso Jean Starobinski se debruçar e escrever sobre esse “Saussure perdido”, mobilizando-o na obra *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand Saussure* (1974). Neste livro, o autor expõe o trabalho realizado por Saussure em torno dos versos saturninos de Homero (24 cadernos), de Virgílio (19 cadernos), da métrica védica (26 cadernos), e de outros tantos autores. Além disso, expõe que Saussure descobriu que a presença de um mecanismo de composição, que é baseado na análise fônica das palavras, composto pelo hipograma e pelo anagrama que apesar de estarem diluídas, ajudavam a compreender o poema.

Estaremos apoiados na obra de Starobinski (1974), já citada acima, para pautar nossas reflexões teóricas de maneira extremamente breve em virtude da extensão do ensaio que nos propusemos a fazer. Para isso, levantaremos alguns pontos que interessam para nossa reflexão em detrimento de outros, também muito importantes, mas que tornariam o trabalho demasiadamente extenso.

O que é e como funciona os hipogramas e o anagramas? O hipograma (palavra-tema), nos poemas analisados, corresponde a um nome de um deus ou de um herói selecionado pelo poeta e que aparecem diluídos no poema sendo que esses fonemas hipogramáticos podem apresentar-se intercalados aos demais fonemas, dispersos ao longo dos versos, próximos uns dos outros ou em cadeias. “O hipograma desliza um nome simples na disposição complexa das sílabas de um verso; a questão é reconhecer e reunir sílabas condutoras, como Ísis reunia o corpo despedaçado de Osíris” (STAROBINSKI, 1974, p. 25).

Os anagramas tratam dos mecanismos que diluem o hipograma nos versos, é importante salientar que esses anagramas são de origem fônica e não ortográfica, por isso

se diferenciam dos anagramas tradicionais em que uma palavra se forma com todas as sílabas de outra palavra. Deste modo, a pesquisa realizada por Saussure “terá apenas uma relação de longínqua analogia com o anagrama tradicional, que não funciona senão com os sinais gráficos. A leitura, aqui, se aplica em decifrar combinações de fonemas e não de letras” (STAROBINSKI, 1974, p. 21-22).

Com a preocupação de provar a cientificidade de seus estudos e sentir-se também satisfeito em relação a eles, Saussure prosseguia com suas análises dos hipogramas em um número grande de autores, a pesquisa, então, era guiada, “segundo os termos de F. Saussure, por uma espécie de fé” (STAROBINSKI, 1974, p. 93-94). Para sustentar suas hipóteses, o estudioso sabia que deveria amparar-se por verificações e contraprovas, assim ele procurou provar que os hipogramas não eram obra do acaso.

Um dos caminhos que havia tomado em suas verificações seria a lei do acoplamento, uma regra de distribuição na qual no interior de cada verso, toda vogal e toda consoante devem ser dobradas e a aliteração repousaria numa duplicação consciente e calculada (STAROBINSKI, 1974, p. 16-17). O poeta para realizar esta operação deveria utilizar do maior número possível de fragmentos fônicos retirados do tema (do anagrama) para inseri-los em seus versos. Dizendo de outro modo, o poeta engendraria trechos que carregassem o maior número possível de fonemas hipogramáticos para que uma sequência fônica pudesse aparecer e somente no final da composição ele se voltaria para o metro e o ritmo (STAROBINSKI, 1974, p. 19). Contudo, ao longo de seus estudos, Saussure concluiu que

[...] a aliteração, ou a correspondência mais particular entre as iniciais, não tem papel algum: ao menos o mesmo papel que, de seu lado, desempenha a rima, ou correspondência entre finais sendo ela mesma tão-somente um acidente ou um floreio [...] o resultado ao qual chego para a forma métrica do saturnino não somente não cria dificuldade, mas está em perfeito acordo com a idéia de que as sílabas iniciais não teriam importância especial para o verso. (SAUSSURE, Premier cahier à lire préliminairement apud STAROBINSKI, 1974, p. 27, grifos do autor)

O genebrino pontua que a aliteração inicial não possui nenhuma importância particular para o anagrama e o equívoco foi não ver que todas as sílabas aliteram, assoam ou são compreendidas em uma harmonia fônica qualquer. Em virtude desta constatação, Saussure não mais lançou mão explicitamente da lei do acoplamento e passou a utilizar a noção de dífono. Os fonemas hipogramáticos não apareceriam sozinhos no verso, como monófonos, mas sim haveriam dois fones ligados, os dífonos. “É o papel do dífono que justifica a passagem da noção de anagrama (onde intervêm apenas monófonos) à noção de hipograma (onde o dífono é o elemento preponderante)” (STAROBINSKI, 1974, p. 34). Nesse entremeio, Starobinski pontua que Saussure deparou-se com o seguinte questionamento: “Pode um dífono, sujeito à anafonia, ver seus dois elementos, aparentemente inseparáveis, distanciarem-se um do outro?” (STAROBINSKI, 1974, p. 34). Para responder a essa questão, é importante nos atentarmos para o fato de que o anagrama funciona sob regras próprias, isto é, que não são essencialmente utilizadas no plano linguístico comum, mas em outro plano, o anagramático. O que difere o plano anagramático do linguístico é a ordem linear já que os fragmentos hipogramáticos não precisam aparecer no verso na mesma sequência posta no hipograma. Por exemplo, se o hipograma é APOLLO, os fones podem aparecer em outra sequência, tal como APLLOO. Evidentemente, o plano anagra-

mático está submetido ao plano linguístico, visto que é somente através deste último que o anagrama pode existir e fazer sentido (SILVA, 2009).

Entretanto, Saussure afirma que “o princípio do dífono quer dizer que se representam as sílabas na CONSECUTIVIDADE de seus elementos” (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 34). Assim, mesmo que para se estabelecer outro modo de leitura se possa deslocar o encadeamento normal dos fones que compõem o hipograma em que a consecutividade possa ser ignorada, é importante que os fones do dífono apareçam ligados.

A partir do princípio do dífono, Saussure originou as regras de agrupamento que funcionavam como detectores dos hipogramas anagramatizados, isto é, “em volta de um núcleo DIFÔNICO agrupam-se um ou vários elementos monofônicos ipso facto, privados da faculdade de existir por eles mesmos, recebendo-a unicamente do fato de estarem na órbita do DÍFONO) (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 35, grifos do autor). Segundo Starobinski (1974), as regras de agrupamento estabelecidas por Saussure, resumidamente, são as seguintes: 1ª) O dífono contido numa palavra se anexa à inicial da palavra para se combinar com ela em trifono (3 fones) [sem a faculdade de mudar de ordem]. 2ª) O dífono contido numa palavra se anexa à final da palavra para se combinar com ela em trifono [sem faculdade de mudar de ordem]. 3ª) Um dífono inicial se anexa a um monófono interior. Nesta regra, há mais possibilidades para o dífono que pode escolher entre os diferentes monófonos, mas sem mudar a ordem, diferentemente dos precedentes que sendo o dado o dífono não se pode escolher o monófono estando ele no final ou no início da palavra. 4ª) Um dífono final se anexa a um monófono interior. Semelhante a terceira regra, permite escolher qualquer monófono interior, desde que não se mude de ordem. 5ª) Um dífono interior se anexa a um monófono igualmente interior. Esta parece ser a regra limite, pois tudo que a ultrapasse não é permitido pelo anagrama (1974, p. 34-35).

Caminhando para o entendimento do processo anagramático, Saussure propõe também a noção de manequim. O manequim seria a delimitação dada pelos fones inicial e final do hipograma em que a presença de outros fones hipogramáticos é ressaltada. Ou seja, entre os fones inicial e final do hipograma que são os fonemas inicial e final do manequim, há grandes chances de que sejam encontrados os demais fonemas do hipograma. De maneira sucinta, diríamos que a noção de dífono que originou as regras de agrupamento e a construção da noção de manequim assim como a constatação de que o anagrama não segue obrigatoriamente as regras do plano linguístico para funcionar já que pode quebrar a linearidade dos versos propiciam o entendimento do processo anagramático que Saussure se debruçou para encontrar no seu corpus.

Toda sua compilação sobre essas noções são o resultado de um objetivo maior que era explicar um processo que ele só poderia provar por meio de uma análise exaustiva de dados. Nessa conjuntura, o mestre dedicou-se com fervor a explorar os poemas e a procurar extrair deles o anagrama pela detecção dos hipogramas (SILVA, 2009). Para compreendermos esse esforço analítico de Saussure, traremos um exemplo recortado de Starobinski de uma análise desenvolvida da pesquisa de Saussure; nela, o estudioso tentou encontrar anagramas e hipogramas.

Trata-se da análise de um vaticinium (profecia) relatado por Tito Lívio, é uma resposta do oráculo de Delfos endereçada aos romanos. Neste vaticinium, os anagramas “são

todos criptográficos, isto é, referem-se a nomes ou a palavras que não são pronunciados no decorrer da peça” (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 50). Desse modo, a palavra APOLO aparecerá já que é o nome do deus que toma a palavra a partir do verso 8, diretamente com a palavra mea (meus). Os versos 8 e 9 executam o nome do deus Apolo, isto duas ou três vezes, em uma linha e meia. Iremos observar apenas o primeiro anagrama em que Saussure detecta o hipograma APOLLO, porém com a inexatidão de que APOLLO aparece diluído com apenas um /l/. Observemos:

(01) **Anagrama:** AD MEA TEMPLA PÖRTÄTÖ

Tradução: Leva até meus templos

(02) **Manequim:** **A**D MEA TEMPLA PÖ**R**TÄ**T**Ö

Hipograma: **A**D MEA TEMPL**A** PÖ**R**TÄ**T**Ö

Starobinski (1974) assevera que o trabalho realizado por Saussure tem uma relação distante com o anagrama tradicional isto porque a leitura dos anagramas saussurianos se aplica em analisar combinações de fonemas e não de letras. Além disso, o anagrama fonético de Saussure não é total, em que um verso anagramatiza uma palavra, não se requer todos os fonemas do verso. O processo de anagramatização acontece quando Saussure escuta um ou dois versos saturninos e ouve elevarem-se os fonemas principais de um nome próprio separados por outros fonemas que são indiferentes.

Uma visão anagramática de Lula o analfabeto

Após refletirmos sobre os anagramas de Saussure, tomaremos suas ideias a fim de deslocarmos seu pensamento para os gêneros dos dias atuais e também para tentarmos verificar nossa hipótese inicial. Saussure teria pensado, na fase mais embrionária da linguística, na possibilidade de um sentido fora da língua, de um discurso sob o discurso?

Para nossa análise, tomaremos uma videomontagem intitulada Lula o analfabeto,³ postada no site YouTube, dia 22 de dezembro de 2006 e seu autor utiliza o pseudônimo de pokssponks. Nela, encontramos recortes da fala do presidente Lula em um debate das eleições de 2006 que são intercalados por slides nos quais aparecem os discursos humorísticos derrisórios⁴ – estes, por sua vez, se utilizam da linguagem escrita, das cores e do som para produzir sentido e serão o nosso material de análise.

O produtor da videomontagem tem como objetivo descaracterizar Lula por meio do uso que o ex-presidente faz da língua, supostamente ao não usar as normativas padrão “cultas”. Ou seja, ao destacar e afirmar que a um suposto desvio da norma culta do nosso código linguístico, o autor da montagem infere que o presidente também não demonstra conhecimento e habilidade para governar o país, com subentendidos de analfabetismo,

3 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=32-Aa0ibiHA>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

4 Segundo a perspectiva argumentativa de Simone Bonnafous (2003), a derrisão é “a associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da pura injúria”. Para Mercier (2001), a derrisão possui virtudes revolucionárias inegáveis porque afirma uma inversão simbólica e temporária da ordem política, é capaz de associar perspectivas de resistências sociais e individuais revelando uma dialética entre contestação e regulação.

burrice e incompetência administrativa para lidar com o bem público. Elementos que tentam unir discursivamente os efeitos valorativos de sentido de que “Se não domina as normas gramaticais culta, tampouco conseguirá administrar os problemas do Brasil”. Contudo, tomando a visão de Saussure sobre o plano anagramático, em meio ao discurso derrisório ouvimos brotar o hipograma (ou palavra-tema) CORRUPTO que pode nos remeter a um discurso sob o discurso de que além de iletrado ele seria corrupto; na superfície discursiva, encontraríamos a afirmação de que Lula é analfabeto, mas o plano anagramático pode nos mostrar que o escopo do produtor do discurso tem como objetivo afirmar que o ex-presidente seria corrupto. Observemos, nas figuras 1 e 2 da videomontagem, os slides que carregam o discurso derrisório.

(3) Primeiro anagrama:

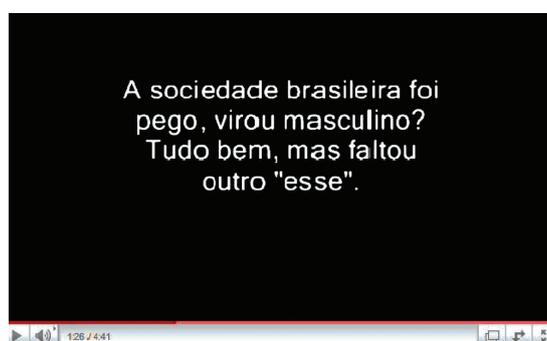


Figura 1: (01:21 – 01: 26)

Hipograma:

A SOCIEDADE BRASILEIRA FOI PEGO, VIROU MASCULINO?
BEM, MAS FALTOU OUTRO “ESSE”.

(4) Segundo anagrama:

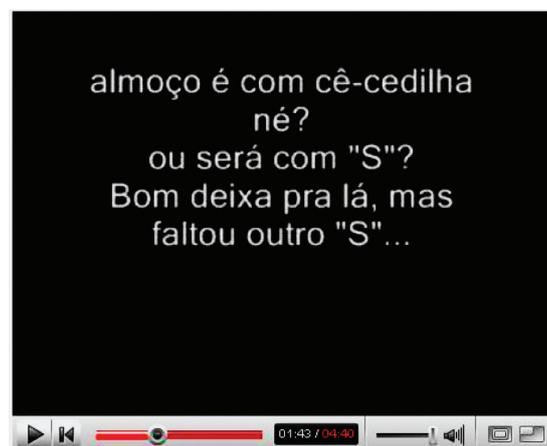


Figura 2: (01:41- 01:47)

Hipograma:

ALMOÇO É COM CÊ-CEDILHA NÉ? OU SERÁ COM “S”? BOM DEIXA
PRA LÁ, MAS FALTOU OUTRO “S”...

Notamos aqui o “eco esparso” que tratou Saussure nos poemas, a lei anagramática que conduz os fonemas para que sejam encontrados em várias palavras no verso (ou no caso das videomontagens no enunciado derrisório) e desempenhem um papel de distribuição de valores. Saussure perseguiu as relações de similitude entre os versos que supostamente carregavam a palavra-tema, é isso que tentamos fazer na análise do plano anagramático acima, buscar essa similitude a que, talvez, sob uma visão discursiva poderíamos chamar de regularidade e que observamos aqui em relação à palavra-tema CORRUPTO (STAROBINSKI, 1974, p. 44).

Mesmo Saussure tendo repudiado interpretações emanacionistas dos hipogramas, ele admitia que havia uma ligação, como vimos, entre esse hipograma identificado e os versos do poema (Apollo é quem fala no poema, todavia seu nome não é citado nos versos), é o que observamos ter ocorrido na análise hipogramática exposta acima. O que observamos nos enunciados proferidos pelo sujeito produtor do discurso derrisório (e que poderão ser mais bem observados na análise discursiva que faremos a seguir) é que em nenhum momento ele se utiliza do vocábulo CORRUPTO para designar o presidente mesmo tendo como objetivo principal descaracterizá-lo e dizer, de alguma maneira, que ele não tem atributos para governar o país; há, portanto, a evidência de que a videomontagem desenvolvida na sua amplitude pode produzir um anagrama que “torna-se um discurso sob o discurso” (STAROBINSKI, 1974, p. 55).

Esse pensar além da materialidade linguística foi compilado por Saussure em poemas que entendemos ser um gênero mais estático, já as videomontagens são um gênero mais flexível, isto é, o internauta pode inferir sobre sua composição e tema, tecer comentários, interagir, há uma multimodalidade nas formas. Em virtude disso, asseveramos que foi possível deslocar as ideias de Saussure para um gênero mais atual e pensar que o estudioso pode ter contribuído para uma análise além da língua, por conseguinte tentaremos mostrar aspectos não levantados por Saussure em virtude da época da compilação de suas ideias já que o suporte utilizado foi outro. Para isso, tomaremos os slides já analisados no plano anagramático e tentaremos um olhar discursivo sobre eles, além de outros slides que comprovam o percurso de sentido das videomontagens e a não presença do hipograma CORRUPTO.

Lula o analfabeto em uma análise discursiva

Para nossa análise discursiva, a abordagem teórica em que estaremos embasados será a do conceito de gênero extraído do capítulo “Gêneros do Discurso” da obra “Estética da Criação Verbal” (2003, p. 261), livro que apresenta as ideias desenvolvidas por Mikail Bakhtin, seremos guiados por três elementos ligados ao gênero que estão essencialmente relacionados: a estrutura composicional, o conteúdo temático e o estilo verbal e que serão apresentados sob a perspectiva do autor ao longo da análise.

Neste primeiro recorte do discurso de Lula⁵ no debate na TV Bandeirantes, ele aparece vestido de terno e gravata, no fundo do vídeo há um painel azul com algumas letras brancas, não está nítido, mas se pode inferir – já que está configuração se repete nos slides subsequentes – que se trata das palavras economia e justiça. Logo abaixo no canto esquerdo do vídeo, há o logotipo da TV Bandeirantes e a indicação de que o debate

⁵ Nos demais *slides*, a descrição das vestimentas e do plano de fundo é a mesma.

está sendo transmitido Ao Vivo. O recorte é inserido, soa a campanha e ele é retirado somando-se quatro segundos para a entrada do slide que carrega o discurso. A transcrição do recorte pode ser observada logo abaixo assim como as figuras dos slides:

- (5) E2⁶: “o seu Ministro da Fazenda ir todo ano a Washington pegar dinheiro para fechar as conta(s)”⁷. (Figura 3)



Figura 3: (00:02 – 00:06)



Figura 4: (00:07)

A figura acima nos mostra o discurso do sujeito-enunciador referindo-se à suposta inexistência do som da letra s para formar o plural da palavra conta e, como na maioria dos slides, aparece escrito em letras brancas minúsculas com fundo preto. No total somam-se 33 slides que estão inseridos entre sequências de imagens constituídas por recortes do debate eleitoral realizado pela TV Bandeirantes para o segundo turno no dia 8 de outubro de 2006. Cada slide permanece por aproximadamente quatro segundos, sendo o tempo total do vídeo quatro minutos e quarenta segundos, o que nos permite pensar que se trata da construção composicional desta videomontagem.

É interessante observar que após cada edição de enunciado mal formulado ou mal pronunciado pelo então candidato, soa uma suposta “campanha”, o que sugere a inserção do discurso na configuração de um Quizz Show (programa de perguntas e respostas em que os acertos valem prêmios e os erros “desclassificam” o participante), permitindo a construção do discurso humorístico.

Entretanto, quando se assiste a um Quizz Show, em geral, ninguém torce para que o jogador erre e seja desclassificado, mas sim, que ele acerte e receba o prêmio. Na videomontagem, este sentido é deslocado, já que, a cada trecho de fala do presidente, o falante insere um enunciado que aparece após a campanha, criando uma expectativa em torno do “erro”. A partir da primeira campanha em que surge o slide “faltou um esse” – Figura 4 – é aberta uma expectativa – todas as demais vezes em que a imagem de Lula aparece, esperamos que ele cometa o suposto “erro”. A campanha que soa após cada fala atesta esse “erro”; assim, depois de dois ou três enunciados, não se espera mais o texto, ele não precisa entrar, não é mais essencial mostrar o “erro” para levar ao riso. Diríamos, portanto, baseados nestas observações que o conteúdo temático trata da desqualificação do ex-presidente (na época, candidato a reeleição) por meio do modo como ele utiliza a linguagem. Há a associação de suposto desvio da norma culta do nosso código linguístico

6 E1: Sujeito Outro E2: Lula

7 Buscando manter uma posição analítica exclusiva sobre o discurso, optamos por transcrever semanticamente entre parênteses o discurso primeiro – do Lula – e descrever as orientações interpretativas do discurso do produtor do vídeo, visando a não provocar outros possíveis discursos, já que, em muitos recortes, determinados sons produzidos pelo enunciador primeiro não nos parecem tão nítidos. Assim, não enfocaremos a fonética dos enunciados primeiros, mantendo a ortografia original das palavras.

a uma incapacidade administrativa ao demonstrar durante toda a videomontagem os “erros” de português cometidos pelo presidente.

Quanto ao estilo, o produtor das videomontagens utiliza a chamada linguagem oral/coloquial para que se possa construir a ideia de proximidade com o seu espectador/internauta, há também a repetição do que disse Lula e, muitas vezes, a escrita de algumas palavras com alguns “erros” ortográficos, a ironia também é um recurso utilizado. Contudo, o que prevalece quanto ao estilo são as perguntas retóricas, elas aparecem na maioria dos slides, marcando uma suposta interlocução entre o produtor das videomontagens e os espectadores.

Vejam os a sequência 14⁸ em que há o uso de palavras ou expressões que marcam a linguagem oral e a coloquialidade; julgamos que o uso dessas marcas possam aproximar o produtor do discurso e o internauta com o intuito de buscar um acordo, uma adesão ao que está sendo dito. Observemos:

- (06) 14. E2: “*you forgot to say that in São Paulo there are children who study(m) at lunchtime*” (01:36 – 01:40)

Soa a campainha

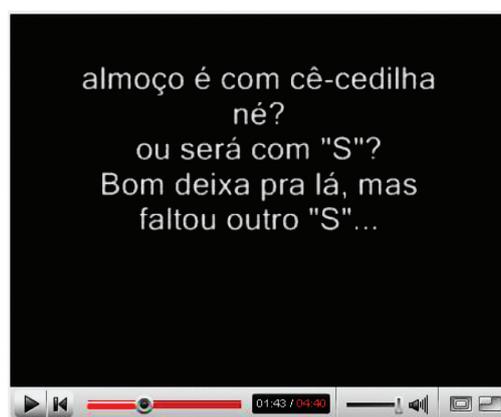


Figura 2: (01:41- 01:47)

Neste *slide* – Figura 2, (analisado no plano anagramático e que carrega o hipograma CORRUPTO) em que o sujeito-enunciador se refere à suposta falta de concordância verbal em *crianças que estudam*, há a utilização do advérbio **né** (não é?) que é usado como um marcador conversacional, sugerindo um pedido de sanção ou de consentimento ao que foi dito. E a expressão “Bom deixa pra lá” também é uma marca da linguagem oral que convoca o sujeito-co-enunciador a um suposto diálogo sobre os “erros”. Outro recurso utilizado pelo sujeito-enunciador é a repetição dos supostos “erros” cometidos por Lula, isto é, ele insere nos *slides* essas “falhas” e, muitas vezes, insere outras no seu próprio discurso que não foram proferidas pelo candidato, possivelmente com o intuito de prender a atenção do leitor e de sedimentar os “erros” cometidos por Lula quebrando certa lógica de que o produtor deveria escrever “corretamente”, pois sabe o que seria “certo” e “errado” já que ele se propôs a corrigir as “escorregadas”, provocando, com isso, o humor e, por consequência, o riso.

8 O número da sequência refere-se a transcrição total da videomontagem e não apenas aos recortes trazidos para a análise.

Contudo, o recurso predominante é o de perguntas retóricas, ele é recorrente em quase todos os slides e aparecem, muitas vezes, carregados de ironia como nas sequências abaixo.

- (07) 12. E2: “*depois de falar tanto em segurança pública, sociedade brasileira ser pego(a) de surpresa, primeiro com um governo que criou duas secretaria(s)*” (01:14 – 01:20)

Soa a campanha

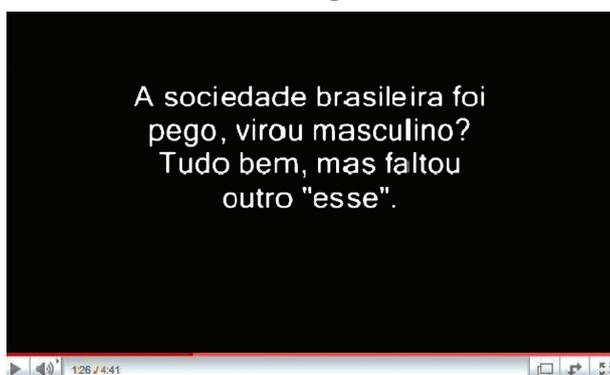


Figura 1: (01:21 – 01: 26)

- (8) 25. E2: “*depois nós provamos que as exportações dobrô(aram)*”(E1 faz um recorte de *as exportações dobrô(aram)* e repete esta sequência mais duas vezes). (03:27 – 03:32)

Soa a campanha



Figura 5: (03: 33 – 03:36)

- (09) 28. E2: “*a reprovação triplicou no ensino médio e dobro(u) no ensino fundamental*” (03:53 – 03:57)

Soa a campanha



Figura 6: (03:58 – 04:01)

(10) 31. E2: “e vou repetir aqui, e para que a gente tenha emprego de mais qualidade” (04:19 – 04:22)

Soa a campanha

E2: “ora um pouco de comodito(ties) ora um pouco de produto manufaturado”
(04:23 – 04: 28)

Soa a campanha

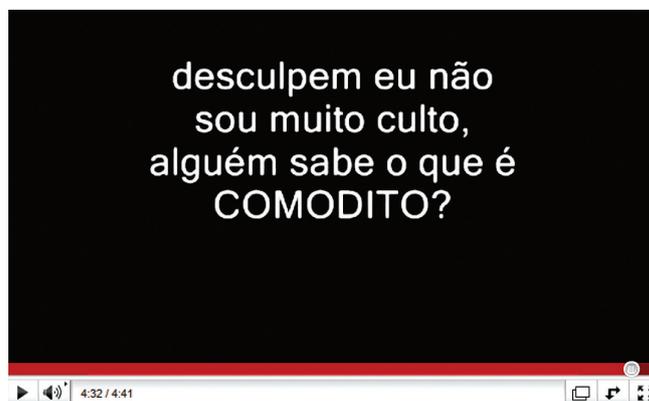


Figura 7 (04:29 – 04:32)

Podemos interpretar que essas formulações enunciativas que apelam ao uso de perguntas retóricas nos sugerem que o objetivo principal do sujeito enunciador é o de que o sujeito-co-enunciador concorde com o que está sendo dito; as perguntas criam um espaço para concretização da relação dialógica existente entre os sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2004); portanto, há um reforço a todo instante desta adesão que se deve ter com as ideias do produtor da videomontagem para que o humor se construa e provoque o riso. A imbricação desses três elementos construção composicional, conteúdo temático e estilo no gênero videomontagens suscita essa relação sujeito-enunciador e sujeito-co-enunciador do discurso para que o gênero seja construído e cumpra seu papel, sem esta adesão do espectador não há construção efetiva do gênero videomontagens e, portanto, não há a possibilidade de resgatar certa expressividade para construir o humor.

Considerações finais

No início deste trabalho, nos propusemos a refletir acerca das contribuições de Saussure para a análise da língua, assim observamos a criptografia contida nos slides da videomontagem com o intuito de verificar se elas poderiam construir um percurso de interpretação para em seguida examinarmos os mesmos slides por meio de uma análise discursiva. Deste modo, confirmamos nossa hipótese de que Saussure pode ter pensado em elementos sobre a língua e fora dela e assim resultou no exterior linguístico que carrega significados em uma dada esfera da sociedade.

Consideramos que a análise dos slides sobre o plano anagramático nos revela que um sentido pode ser construído além daquele encontrado na superfície linguística, Lula supostamente não teria domínio sobre a norma culta da língua e por isso não teria capacidade para governar o país; contudo, o que encontramos como palavra-tema é o hipograma corrupto que carrega outro sentido além daquele já mostrado, Lula seria desonesto, corrupto e por isso não teria atribuições para ser presidente. Já sob o ponto de vista discursivo, nos mesmos slides, constatamos regularidades que configuram o gênero

videomontagem e corroboram com o tema apresentado pelo produtor da videomontagem que, como vimos, buscam desqualificar o candidato ao utilizar-se dos recursos da imagem mais materialidade discursiva.

Todo texto, portanto, segundo a perspectiva saussuriana do plano anagramático, seria um produto produtivo (STAROBINSKI, 1974), ele considera que as palavras se originam de outras palavras que as antecedem, haveria algo além do que está empreendido no texto, este algo a mais teria o estatuto de interpretação que suscita a análise do discurso hoje.

Além disso, é importante afirmar que essa tentativa de aproximação das ideias sobre os anagramas de Saussure e a análise discursiva transcorrida apenas tratam de um esboço do que o estudioso representa para a linguística. Segundo Pêcheux, Saussure “pensava contra seu tempo” (PÊCHEUX, 1982, p. 9) e poderia ter pensado nesse exterior linguístico já que considerava que a linguagem seria sempre um objeto duplo e essa realidade dupla da língua permitiria pensar que a linguagem pudesse ser vista como “um corpo atravessado por falhas”, falhas que estariam fora de uma ordem simbólica e deixariam brechas para a construção de um pensamento analítico discursivo (PÊCHEUX, 1982, p. 28).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BARONAS, R. L.; SIGNORI, M. B. D. *Filosofia da Linguística*: Três Saussure(s)? Linguagem, Cantinho Saussure, São Carlos, 15. ed., out. nov. dez. 2010. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/saussure/002.php>. Acesso em: 26 ago. 2011.
- BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em J.M.L e Pen. Tradução de Maria do Rosário Gregolin e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M. R. (Org.) *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução de Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004a.
- BOUQUET, S.; ENGLER, R. *Ferdinand de Saussure: escritos de linguística geral*. Tradução de Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004b.
- _____. *De um pseudo Saussure aos manuscritos saussurianos originais*. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Vanice Maria de Oliveira Sargentini, 2008 (mimeo).
- Lula o analfabeto*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=32-Aa0ibiHA>>. Acesso em: 10 jul. 2011.
- MERCIER, A. Pouvoirs de la dérision, dérision dès pouvoirs. (Introduction). *HERMÈS – Revue*. Dérision – contestation, n. 29, CNRS, Éditions, 2001.
- NORMAND, C. *Convite à linguística*. Organização de Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009.

PÊCHEUX, M.; HAROCHE, C. E HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In: BARONAS, R. L. (Org.) *Análise do Discurso: Apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

PÊCHEUX, M. Sur la (dé) construction des théories linguistiques. *DRLAV*, 27, 1982, p. 1-24. Trad. bras. *Sobre a desconstrução das teorias linguísticas*. Línguas e Instrumentos Linguísticos. Campinas: Pontes, 1999.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SILVA, K. A., Breve estudo sobre os anagramas e sua relação com a teoria do valor em Saussure. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 145-160, jan./jun. 2009.

SISCAR, M. A. A poesia a dois passos (sobre os anagramas, de Ferdinand de Saussure). *Revista Alfa*, São Paulo, v. 41, p. 169-186, 1997.

STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.